

Domingos do Brasil: futebol, raça e nacionalidade na trajetória de um herói do Estado Novo

Brazilian Domingos: football, race and nationality in the history of a Brazilian hero in the "Estado Novo" [New State]

Leonardo Affonso de Miranda Pereira ¹

Resumo:

A copa de 1938 marcou, para o futebol brasileiro, um momento singular. Rompida a tradição de exclusão nos campos, o Brasil era nela representado por um time composto tanto por brancos quanto por afro-descendentes. Era o caso, entre outros, de Domingos da Guia, zagueiro titular do time brasileiro. Além de suas qualidades esportivas, outro fator lhe garantia um destaque especial naquele momento: a capacidade de aliar características tidas como inatas a indivíduos de origem africana com outras habitualmente associadas aos europeus. Por expressar tal harmoniosa mistura, Domingos foi transformado em um herói mestiço, capaz de simbolizar alguns dos novos ideais de nação que se tentava afirmar no Estado Novo. Acompanhar sua trajetória é por isso um meio de entender como se formaram algumas das imagens desde então associadas ao futebol e à cultura brasileira.

Palavras chave:

Domingos da Guia - raça - nacionalismo - futebol

Abstract:

The 1938 World Cup Soccer Tournament held in France marked a significant moment in the history of Brazilian soccer. Even though the sport had been played in Brazil since the late 1800s, for the first time many believed that Brazil's very best players represented the nation in an international tournament. That was the case of the famous soccer player Domingos da Guia. Having been born in 1911 in Bangu, a suburban borough

¹ Pós-doutor em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista de Pós-doutorado Sênior do CNPq junto à Universidade de Brasília, onde desenvolve uma pesquisa a respeito da relação entre as associações dançantes e recreativas do Rio de Janeiro das primeiras décadas da República e a consolidação de uma identidade mais ampla entre os trabalhadores da cidade.

of Rio de Janeiro, Domingos became in the 1930s the most prominent of the Afro-Brazilian athletes who broke through the color barriers that limited the acceptance of brown and black players on Brazil's most prominent teams. For that reason, his career is a good way to think about some images of the Brazilian culture connected to the nationalist myth of racial harmony.

Keyword:

Domingos da Guia - race - nationalism - soccer

A Copa de 1938, realizada na França, marcava para o futebol brasileiro um momento singular. Embora desde o final do século XIX o esporte já fosse praticado no país, era a primeira vez que o Brasil era representado em um campeonato mundial por um time formado pelo que se julgava serem os seus melhores jogadores. Enquanto nas competições anteriores inúmeras restrições sociais e raciais haviam dificultado a formação de um selecionado de qualidade, a equipe então enviada à Europa misturava jogadores de diferentes condições sociais e origens étnicas. Ao aproximar mais a feição do time ao perfil da população brasileira, tal abertura não só conseguiu aumentar o entusiasmo da torcida, que passava a ver nos jogadores os legítimos representantes da nação, mas também garantiu a incorporação de atletas que, apesar de sua reconhecida qualidade, não teriam anos antes chance de fazer parte da delegação brasileira. Era o caso, entre outros, de Domingos da Guia, zagueiro titular do time brasileiro - conhecido pelos seus contemporâneos como o "Divino Mestre".

Com 27 anos completos, Domingos estava no auge de sua carreira. Desde que surgiu pela primeira vez nas disputas do campeonato da Liga Metropolitana, defendendo o time do Bangu, seu futebol chamara a atenção de jornalistas e torcedores, que viam nele um "excelente full-back". Pelas atuações "não raro magistrais", era saudado como o precursor de uma nova forma de atuação para os zagueiros. Mais do que um mero "back rebatedor", ele seria segundo o técnico que em 1931 o convocou pela primeira vez para a seleção da cidade um "jogador que trabalha com o cérebro", não se limitando a utilizar seu físico avantajado². Com uma segurança nunca vista nos

² Conferir, respectivamente, "O Globo nos sports", *O Globo*, 23 de abril de 1931; "Três vezes balançaram as redes do Sírio e as de Zezé uma só vez", *O Globo*, 17 de julho de 1931; e "A comissão explica porque escalou certos elementos", *O Globo*, 24 de junho de 1931.

gramados cariocas, logo chegou também ao selecionado nacional, no qual não demorou par tornar-se titular absoluto. Saudado unanimemente pela imprensa nacional e estrangeira por tais qualidades esportivas, ele transformava-se assim por aqueles anos em uma verdadeira legenda do esporte brasileiro.

Quando se iniciavam os preparativos para formar o selecionado que representaria o Brasil na Copa do Mundo de 1938, Domingos já era assim, junto com Leônidas da Silva, um dos maiores ídolos da torcida brasileira. Ao contrário das edições anteriores do evento, desta vez era grande a expectativa entre os torcedores, em um clima de excitação alimentado pela primeira cobertura extensiva dada pela imprensa brasileira à competição. Não era de se estranhar, por isso, o irrestrito apoio que a delegação brasileira recebeu do presidente Getúlio Vargas, que poucos meses antes instaurara no Brasil a ditadura do Estado Novo. Tal apoio se evidenciava na concessão à delegação brasileira uma subvenção de Rs.200:000\$000, com a qual o governo tentava capitalizar o furor nacionalista associado ao evento³. A importância de tal ato se expressou na escolha da própria filha do Presidente, Alzira Vargas, como madrinha da delegação brasileira⁴. Por cristalizar os ideais de harmonia racial e furor nacionalista que eram propagandeados pelo seu governo naquele momento, o futebol de jogadores como Domingos da Guia servia a ele como um grande aliado na consolidação do novo perfil da Nação que se tentava afirmar. Acompanhar sua trajetória é, por isso, um bom meio de entender as contradições e problemas envolvidos no processo de definição de um novo perfil para a cultura nacional experimentado no período.

De Bangu para a América

Para alcançar a consagração o jovem Domingos Antonio da Guia teve que percorrer um longo caminho, descrito por ele em detalhes em um depoimento para a posteridade prestado em 1967 ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e em uma entrevista concedida a mim em 1998, quando a idade avançada já causava alguns lapsos de

³ Sobre as ações empreendidas no período para “legitimar o Estado Novo e conquistar o apoio dos trabalhadores à política varguista”, ver Maria Helena Capelato, “Propaganda política e controle dos meios de comunicação”, em Dulce Pandolfi (org.), *Repensando o Estado Novo*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1999, pg. 171.

⁴ “Correio sportivo”, *Correio da Manhã*, 1 de junho de 1938.

memória⁵. De seus relatos ressalta a imagem de uma infância semelhante à de muitos outros meninos pobres como ele. Nascido no dia 19 de novembro 1911 no distante bairro de Bangu, que ficava a cerca de uma hora do centro da cidade do Rio de Janeiro, ele tinha oito irmãos - sendo ele o mais novo entre os quatro homens. Como quase todos os moradores do local, seus pais, afro-descendentes, vinham de famílias de lavradores, e estabeleceram-se em Bangu na primeira metade dos anos 1890⁶. Embora tenham de início continuado ali a trabalhar na lavoura, acompanharam todo o processo de implantação e consolidação no bairro da Companhia Progresso Industrial do Brasil, que daria início ao processo de urbanização da região. Desse modo, Domingos cresceu em um bairro distante e modesto, habitado por pessoas que tinham na fábrica seu destino anunciado. Se a presença da Companhia garantia a meninos como Domingos a possibilidade de freqüentar a escola primária, única que ele chegou a concluir, para a maior parte das crianças criadas em Bangu naquele momento a perspectiva mais realista de futuro era a de conseguir um emprego na Fábrica de Tecidos do bairro.

Já nesse tempo a falta de opções de lazer era compensada pelos animados jogos de futebol realizados pelos rapazes no largo da igreja local. Ainda que o futebol fosse uma novidade relativamente recente, datando dos últimos anos do século XIX as primeiras notícias de sua prática no Rio de Janeiro, em pouco tempo ele conseguiu atrair o interesse de variadas parcelas da população carioca - em especial após a realização na cidade, em 1919, de um campeonato sul-americano vencido pelo Brasil⁷. Em Bangu, entretanto, esse interesse parecia ser ainda maior. O apoio da fábrica permitia que o bairro tivesse, desde 1904, seu próprio clube de futebol. Este teve como fundadores, em sua maior parte, os técnicos ingleses trazidos pela Companhia para dirigir a Fábrica. Para viabilizar a iniciativa, entretanto, eles trataram de buscar o apoio da fábrica - da qual dependia, por exemplo, a cessão de um terreno para ser usado como campo. Por se tratar de um esporte que tinha a marca da elegância e da modernidade, associada às supostas vantagens higiênicas da atividade

⁵ - O depoimento dado ao Museu da Imagem e do Som foi recentemente publicado por Mário de Moraes, no livro *Futebol é arte*, parte II (Rio de Janeiro, MIS Editorial, 2002). As opções feitas por tal edição, que editou as falas do entrevistado, me faz porém recorrer ao original, cujo registro sonoro se encontra no MIS - RJ. Já a entrevista dada a mim em sua casa, no Méier, foi gravada em 30 de abril de 1998.

⁶ - Sobre a origem rural do pai de Domingos da Guia, ver Aidam Hamilton no livro *Domingos da Guia. O Divino Mestre*, Rio de Janeiro, Gryphus, 2005.

⁷ - Cf. Leonardo Pereira, *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000 - livro de onde tiro boa parte dos dados sobre o processo de popularização do futebol no Rio de Janeiro analisados nesse artigo.

física, a Direção da Companhia acabou por patrocinar a iniciativa, dando ao clube o tecido para os uniformes e construindo um grande campo ao lado da fábrica. Em contrapartida, obrigou os fundadores do Bangu A. C. a aceitar, em seus quadros, todos os operários da fábrica que dele quisessem fazer parte. Como resultado, o clube se tornou o primeiro do Rio de Janeiro a aceitar trabalhadores entre seus associados, o que fez dele também o único a contar com jogadores afro-descendentes em seus times⁸.

Embora o futebol fosse ainda considerado no período um esporte de elite, a formação do Bangu A.C. indicava o início de uma aproximação da classe trabalhadora carioca com o jogo. O sucesso do clube fez com que logo surgissem no bairro outros grêmios dedicados ao jogo da bola, como o Esperança e o Bangu Progresso Foot-ball Club. Quando Domingos ensaiava seus primeiros chutes, o futebol já era, portanto, uma grande mania não só no bairro como também em toda a cidade.

Mais do que simples diversão, entretanto, o jogo já aparecia nesse momento para Domingos como uma alternativa concreta de melhoria de vida. O futebol era ainda um esporte amador, sendo proibidas as remunerações diretas aos jogadores. Com seus três irmãos mais velhos já jogando nos clubes do bairro, ele bem sabia, porém, das vantagens oferecidas aos atletas que participavam dos campeonatos - fosse na forma de prêmios em dinheiro ou na obtenção de empregos de fachada. Apelidado pelos contemporâneos de amadorismo marrom, tal prática transformava o cenário esportivo da cidade, com a incorporação progressiva nos clubes suburbanos (menos restritivos e exigentes que aqueles da refinada zona sul) de jogadores que tinham uma origem social muito diversa daqueles que figuravam Liga Esportiva principal. De simples opção de lazer, o futebol convertia-se assim para jovens pobres de diversas regiões da cidade em meio concreto de ascensão social, reforçando ainda mais a devoção que passavam a mostrar em relação ao jogo da bola.

Não seria diferente a história do próprio Domingos. "O interesse pelo futebol em princípio foi a necessidade", reconhecia ele no depoimento dado ao MIS em 1967. Por ser "de família pobre", já na juventude começou a vagar por diversos empregos de baixa remuneração. Como os seus contemporâneos, já sabia, porém, que "o jogador de futebol se fazia na vida financeiramente". Confiante em suas qualidades esportivas, tratou assim de buscar no jogo um meio de melhoria de vida. Inicialmente juntou-se a outros garotos do bairro para criar um

⁸ - Cf. Leonardo Pereira, op.cit.

time chamado "Júlio César", que jogava no mesmo largo da Igreja no qual ensaiara seus primeiros chutes. A falta de condições financeiras dos meninos os obrigava a pedir o apoio constante de outros clubes do bairro, que emprestavam a eles camisas e chuteiras para jogar - como o Esperança, clube da segunda divisão no qual haviam atuado alguns de seus irmãos. Este, por sua vez, contava com a ajuda freqüente do próprio Bangu, que repassava ao clube o material esportivo que não utilizava mais. Para chegar a figurar no time principal do bairro, único que garantia aos seus jogadores uma melhor remuneração, era necessário assim atravessar um longo processo de filtragem, enfrentado por Domingos como forma de tentar tirar do futebol os meios para seu sustento.

Foi por isso somente em 1929, quando tinha 18 anos, que Domingos conseguiu finalmente ser aceito entre os jogadores do segundo time do Bangu. Ainda que se tratasse de uma equipe reserva, pela qual jogou apenas quatro partidas, garantiu também com seu ingresso no time um emprego na fábrica de tecidos, onde trabalhou na seção que fabricava chita. Já no começo do campeonato de 1930, entretanto, foi ajudado pela sorte: o zagueiro do time principal do Bangu, chamado Conceição, machucou-se seriamente, deixando a equipe sem opções para a posição. Luiz Antonio, seu irmão - que, após destacar-se anos antes como o principal zagueiro do clube, fazia então parte da sua diretoria - ficou incumbido de localizar um substituto. Os que acompanhavam o cotidiano do clube se apressaram em sugerir o nome de Domingos, que vinha tendo boas atuações na equipe reserva. Após se mostrar a princípio relutante, por achar que o irmão seria "muito magrinho, muito fino" para a posição, acabou cedendo, e deu a Domingos a chance de ser testado no time principal em um jogo contra o poderoso Flamengo. "E dali iniciei, fui feliz, ganhamos de 3 a 1, não saí mais do time do Bangu", contou feliz o próprio Domingos, marcando ali o início de sua glória esportiva⁹.

Mais do que prestígio, a promoção garantia a Domingos um substancial aumento de renda. Por atuar pelo Bangu no campeonato da Liga Metropolitana, ele passou a receber diretamente de Guilherme da Silveira, o dono da Fábrica de tecidos que patrocinava o clube, um "prêmio" pelas suas atuações, em valores que variavam entre 500 e 1000 réis por jogo¹⁰. Além de tais prêmios, recebia também do presidente da fábrica "um vencimento" mensal. Se até então só havia atuado em clubes

⁹ - Depoimento de Domingos da Guia ao MIS-RJ, 1 de setembro de 1967.

¹⁰ - Sobre o valor dos prêmios bichos, ver a entrevista concedida em 15 de janeiro de 1995 pelo jogador ao jornal *Folha de São Paulo*, intitulada "Domingos da Guia afirma que nos anos 30 nem Pelé jogaria nos clubes mais ricos".

nos quis "pagava para jogar", o Bangu "já dava um salariozinho", como ainda lembrava Domingos em 1998. "Trabalhava no escritório, ou trabalhava nisso, ou trabalhava naquilo, e jogava no Bangu" - explicava, desvendando o mecanismo que garantia sua remuneração¹¹. Em um momento no qual um operário fabril carioca, à custa de muito trabalho, recebia apenas o necessário para o sustento mínimo de seu lar, ele conseguia através do futebol um patamar de renda superior àquele destinado aos de sua origem social. Domingos transformava-se, assim, em mais um dos jogadores que passavam a fazer do futebol a sua profissão.

Como profissional da bola a ascensão de Domingos seria meteórica. Suas grandes atuações no Bangu, pelo qual jogou até 1931, garantiram-lhe a convocação em 1931 para o selecionado carioca, que enfrentava anualmente a seleção de São Paulo. No mesmo ano foi chamado pela primeira vez para compor o selecionado brasileiro que enfrentaria o Uruguai pela Copa Rio Branco, em jogo a ser disputado no Rio de Janeiro. Com atuações destacadas, conseguiu a posição de titular, estreando no selecionado nacional como o único negro da equipe. Já em sua primeira partida Domingos levou a torcida brasileira ao delírio com sua técnica. "- Eu vou mandar dourar esse crioulo", gritava um torcedor das arquibancadas, sem esconder o preconceito racial por trás da exaltação do brilhantismo da sua atuação¹².

Apesar do aparente desconforto causado pela presença de um jogador negro no time nacional demonstrado pelo grito do torcedor, não tardou, a partir daí, para que suas qualidades esportivas chamassem a atenção de outros clubes muito mais estruturados que o Bangu. Necessitados a todo custo de vitórias, que garantissem um bom público para seus jogos, alguns dos principais clubes da cidade passavam a se abrir progressivamente para a aceitação de jogadores como Domingos. Favorecido por um processo que em vários países do continente ia transformando o futebol em uma poderosa indústria, capaz de movimentar grandes somas financeiras e angariar furiosas paixões, ele e outros atletas conseguiram com isso superar os primeiros obstáculos raciais ao seu crescimento profissional.

Ainda nos primeiros dias de 1932, começaram a surgir boatos sobre a transferência de Domingos para o América, uma das equipes principais da Liga Metropolitana. Assim como Leônidas da Silva, outro atleta negro também convidado pelo clube, ele chegou a assinar o pedido

¹¹ - Entrevista com Domingos Antonio da Guia, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1998.

¹² - "Domingos, a grande barreira dos nossos, fala dos seus adversários", *O Globo*, 9 de setembro de 1931.

de inscrição no novo clube. Apesar disso, acabou desistindo de ingressar em seus quadros. Para justificar sua atitude, Domingos explicou para a imprensa ter desistido da transferência para não desagradar seus irmãos, fiéis à equipe do Bangu. Anos depois, em 1998, reconheceria, porém que "o Bangu não tinha o principal": "não era um Fluminense, não era um Vasco, não era um Botafogo, não era um América, não. Não tinha aquele dinheiro"¹³. Como parecia claro já no período para boa parte da imprensa esportiva carioca, sua vontade de mudar de clube era alimentada pela busca de vantagens financeiras ainda maiores em outra equipe. Confirmando tais suspeitas, poucos dias depois Domingos assinava sua ficha de inscrição no Vasco da Gama, acabando por ser eliminado do Bangu sob a acusação de estar pleiteando o ingresso em outros clubes¹⁴.

O novo clube daria a Domingos condições materiais que não conhecera no Bangu. "Era suspensório, tornozeleira, caneleira, chuteira nova, meias novas", lembrava o ex-jogador no depoimento dado em 1967. Parecia, para ele, "um paraíso". Mais do que o abundante material esportivo que tinha à disposição, entretanto, fascinavam Domingos as possibilidades financeiras que descobriu no Vasco. Para tentar conter a progressiva profissionalização dos jogadores que disputavam seu campeonato, a Liga Metropolitana instituíra algumas regras que visavam impedir a rápida ascensão de atletas como Domingos. Uma delas determinava que, ao mudar de clube, o jogador deveria ficar por um ano fora da disputa do campeonato principal - o que o obrigou a atuar por todo esse período no segundo time do Vasco da Gama, que disputava um campeonato muito menos destacado do que a equipe principal. Mesmo assim o antigo operário de Bangu conseguia, no novo clube, um retorno financeiro à altura do prestígio que ia acumulando nos campos. Só pela transferência para o Vasco Domingos recebeu a soma de Rs. 5:000\$000, além de passar a ganhar mensalmente um salário de Rs. 500\$000 - valor muito maior do que aquele que recebia até então do Bangu. Por mais que o profissionalismo fosse ainda proibido no Brasil, Domingos já tinha assim no futebol uma rentável profissão, garantindo através dele uma melhoria significativa no seu nível de vida.

A ascensão profissional e financeira de Domingos estava ainda, porém, em seu início. No mesmo ano em que se transferiu de clube, foi mais uma vez chamado para o selecionado nacional que enfrentaria o

¹³ - Entrevista com Domingos da Guia, 30 de abril de 1998.

¹⁴ - "Uma história curiosa que Armando Martins contou na presença de vários diretores da entidade carioca", *Jornal dos sports*, 1 de janeiro de 1932; "Pedi ao América a devolução do meu boletim de inscrição para não desagradar meus irmãos", *Jornal dos sports*, 3 de janeiro de 1932; "Domingos é de circo!", *Jornal dos sports*, 7 de janeiro de 1931; e "Modificou-se a situação de Domingos", *Jornal dos sports*, 20 de janeiro de 1932.

Uruguai em mais uma edição da Copa Rio Branco, dessa vez jogada no país vizinho - em partida aguardada com grande expectativa no Brasil. Apesar da oposição ainda existente à participação de afro-descendentes no time nacional entre alguns dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos, a pressão de jornalistas e torcedores garantiu a presença de jogadores como Domingos para a disputa. O acerto da decisão seria compensado, em campo, com o que o *Jornal dos Sports* definiria como "um dos mais brilhantes triunfos destes últimos tempos para o *foot-ball* nacional em terras estrangeiras": a vitória brasileira sobre os uruguaios por 2 a 1 com dois gols de Leônidas da Silva¹⁵.

A conquista do título em campo estrangeiro aparecia nos jornais do Rio de Janeiro como "uma notável façanha", constituindo um motivo de "justo orgulho" para os brasileiros¹⁶. Saudado pelos próprios uruguaios como "o maior back do continente", Domingos era descrito como "uma fortaleza", que garantiu a segurança da defesa brasileira¹⁷. Chorando abraçado à bandeira brasileira junto com os outros jogadores, ele parecia ciente de ter assegurado com a vitória seu prestígio no cenário esportivo da cidade¹⁸. Reconhecidos como verdadeiros heróis, os jogadores foram "apoteoticamente" recebidos pelo público carioca no momento da chegada ao Rio de Janeiro. Dirigindo-se ao centro da cidade para prestar suas homenagens aos campeões, que desfilaram pela Avenida Rio Branco em carro aberto, dezenas de milhares de pessoas patrocinavam o que o *Jornal dos Sports* descreveu como "a mais imponente e impressionante recepção que já se dispensou a uma embaixada sportiva"¹⁹, sendo Domingos e Leônidas os jogadores mais festejados. Não por acaso, o próprio chefe do governo provisório, Getúlio Vargas, saiu à sacada do Palácio do Catete para cumprimentá-los no momento em que comitiva passava no local, ali se conservando até a passagem do cortejo²⁰. De presenças aceitas a contragosto no selecionado, jogadores de origem negra como Domingos transformavam-se assim em grandes ídolos nacionais, reconhecidos pelo próprio Presidente.

¹⁵ - "Os brasileiros invictos na Copa Rio Branco", *Jornal dos sports*, 6 de dezembro de 1932.

¹⁶ "Os brasileiros invictos", *Jornal dos sports*, 6 de dezembro de 1932.

¹⁷ - "Uma fortaleza, o nosso trio final!", *Jornal dos sports*, 9 de dezembro de 1932; e "Domingos, o maior back do continente", *Jornal dos sports*, 18 de dezembro de 1932 .

¹⁸ - Depoimento de Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som-RJ, 1.09.1967.

¹⁹ - "Uma consagração aos heróis do tríplice triunfo", *Jornal dos sports*, 20 de dezembro de 1932.

²⁰ - "O regresso triunfal dos foot-ballers brasileiros", *Correio da Manhã*, 20 de dezembro de 1932.

Não demorou, por isso, para que tal prestígio internacional gerasse outra reviravolta na vida de Domingos. Após um ano no Vasco, o jogador recebeu do Nacional, um grande clube do Uruguai - país que, ao contrário do Brasil, já instituía então o profissionalismo - uma proposta de trabalho ainda mais vantajosa. Pela transferência para o país vizinho, ele receberia o salário mensal de Rs. 1:500\$000, além da soma de Rs. 43:000\$000 pela assinatura do contrato²¹, valor mais de oito vezes maior do que aquele pago um ano antes pelo Vasco. Após hesitar durante quase um mês por mostrar-se insatisfeito com a necessidade de deixar o país - tendo declarado na entrevista dada em 1967 que "ninguém sai satisfeito de seu torrão natal" e que não via com bons olhos "àquele que vai ganhar fora" - o jogador cedia frente à possibilidade concreta de assegurar a ascensão social que vinha se desenhando em sua vida. Antes de partir, deixou com um cunhado o dinheiro para comprar uma casa nova para os pais, e um terreno em Bangu para ele.

Era, de fato, o começo de uma nova vida. A partir daí, e ao longo dos três anos seguintes, as transferências (sempre envolvendo grandes valores) se tornariam uma constante na vida de Domingos. Embora tenha conseguido também no Uruguai uma grande projeção, sagrando-se campeão nacional, seu desejo confesso era ainda o de voltar ao Brasil. Com a instituição do profissionalismo no futebol brasileiro - que permitia aos clubes remunerar os jogadores de forma aberta, possibilitando um aumento significativo no pagamento dos atletas - tal desejo pôde ser satisfeito. No início de 1934, os dirigentes do Vasco ofereceram a Domingos uma vultosa quantia para garantir seu regresso ao futebol carioca, onde mais uma vez sagrou-se campeão. Já no início de 1935, uma nova proposta do exterior acabaria, porém, por levar novamente Domingos para fora do país - dessa vez para o Boca Juniors, da Argentina, que gastou 189:050\$000 para tê-lo em seu time²². Ao conquistar também o campeonato argentino daquele ano, Domingos tornava-se então o único atleta tri-campeão em três países diferentes, em título que dava boa mostra de sua técnica e de seu prestígio. A cada transferência, aumentava ainda mais o patrimônio do zagueiro, que se consagrava definitivamente como um dos maiores astros brasileiros.

Não tardaria para que outro clube brasileiro resolvesse investir no zagueiro, tratando de trazê-lo de volta ao Brasil. Empenhado em

²¹ - "Dentro de dez dias Domingos partirá para ingressar no profissionalismo uruguaio", *Jornal dos sports*, 10 de janeiro de 1933; e "Domingos recebeu 43 contos pelo contrato de um ano que assinou com o Nacional do Uruguai e mais 1:500\$000 de vencimentos mensais", *Jornal dos sports*, 2 de março de 1933.

²² - "Buenos Aires acolheu ontem o maior zagueiro do Brasil", *Jornal dos sports*, 9 de março de 1935.

formar pela primeira vez um time forte que tivesse na presença negra sua marca, coube ao Flamengo tal tarefa. Interessado em aumentar sua arrecadação, o clube procurava no período meios de se popularizar, aumentando o número de sócios e de torcedores que pagavam ingresso para assistir suas partidas. Em vista disso, começara em 1935 a formar uma equipe constituída por atletas negros como Otto e Ladislau, irmãos de Domingos. No começo de 1936, depois de seduzir Médio, outro de seus irmãos, começava a firmar contrato com jogadores de maior destaque, como Fausto e Leônidas. Não foi assim uma surpresa quando o clube ("com muito sacrifício", segundo o próprio jogador) tratou também de conseguir o passe de Domingos, que se incorporou à equipe em agosto - formando um time muito diferente daquelas que até então costumavam defender suas cores²³.

A chegada ao Flamengo, onde ficou até 1943, marcava um novo momento na vida do zagueiro, que deixaria de lado a partir de então as constantes transferências para se firmar como um dos maiores ídolos da cidade. Era, segundo afirmou o próprio Domingos no depoimento dado em 1967, o seu período de apogeu. Com a fama consolidada e um nível salarial invejável para os padrões do período, ele se tornava uma das maiores atrações do campeonato, sendo aplaudido até mesmo pelas torcidas adversárias. Respeitado e idolatrado por sócios e torcedores de clubes que até pouco tempo antes se recusavam a aceitar em seus times atletas de sua origem étnica e social, o jogador colhia os frutos de sua glória, alcançando uma projeção e um rendimento com os quais nunca sonhara em seus tempos de juventude.

O herói mestiço

Quando se iniciaram os preparativos para a convocação do selecionado que representaria o Brasil na Copa de 1938, Domingos já parecia assim ter assegurado seu lugar no time brasileiro. Para além da inegável qualidade de seu futebol, outro fator parecia garantir a ele, naquele momento, um destaque especial: a capacidade de aliar qualidades tidas como inatas a indivíduos de origem africana como ele com outras habitualmente associadas aos brancos e europeus. Com traços físicos marcadamente negros, ele era muito diferente do tipo de jogador que costumava até então tomar parte nos times que representavam o Brasil no exterior - sempre compostos por rapazes brancos, a maior parte

²³ - Depoimento de Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som-RJ, 1.09.1967.

deles das boas famílias do Rio de Janeiro e de São Paulo²⁴. Ainda que não fosse o único que por aqueles tempos conseguia tal proeza, estando no bojo de um processo mais amplo de progressiva aceitação no selecionado nacional de jogadores com ascendência africana, parecia encantar de modo especial os jornalistas e escritores que saudavam seus feitos. Ao reunir a malemolência e gíngua naturalmente atribuída aos jogadores negros a um estilo de jogo seguro e uma técnica refinada, Domingos aparecia para muitos como o representante perfeito de uma forma autenticamente brasileira de jogar.

Sintomático, nesse sentido, é o testemunho dado naqueles anos pelo sociólogo Gilberto Freyre. Autor do livro *Casa Grande e senzala*, publicado em 1933, ele era já conhecido por combater as teorias raciais que desde finais do século XIX haviam tomado conta dos debates nacionais, tentando demonstrar em sua obra as vantagens da mistura racial que estava na formação brasileira. Ao atribuir positividade a uma herança cultural e étnica vista antes como um pesado fardo a ser carregado pelo país, ele invertia a lógica que marcara até então a relação de muitos intelectuais com as práticas e tradições formadoras da brasilidade²⁵. Parece compreensível, por isso, que Freyre tenha sido um dos primeiros a saudar a presença dos jogadores afro-descendentes no selecionado enviado para a Copa do Mundo de 1938. Em uma entrevista ao *Diário de Pernambuco*, afirmava serem os triunfos brasileiros frutos da "coragem, que afinal tivemos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro", onde os jogadores brancos se misturavam com "pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros". Dessa mistura resultaria, para ele, a essência do "estilo de jogar futebol" dos jogadores nacionais, marcado por "alguma coisa de dança e capoeiragem". Diferenciando-se dos atletas europeus "por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual", os jogadores brasileiros teriam assim aos seus olhos uma qualidade especial, garantida pela harmoniosa integração das tradições de diferentes grupos étnicos que afirmava ter marcado a história do Brasil²⁶.

²⁴ - Sobre as restrições iniciais dos grandes clubes brasileiros à presença de jogadores negros, assim como a luta destes para conquistar espaços nos campos, ver Leonardo Pereira, *Footballmania*. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938), Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000 – de onde tiro também ao longo deste artigo outras informações sobre a prática do futebol no Rio de Janeiro.

²⁵ - Cf. Gilberto Freyre, *Casa grande e senzala*, São Paulo: Graal, 2003 [1933].

²⁶ - APUD Gilberto Freyre, *Sociologia*, Rio de Janeiro: José Olympo, 1957 (1943), pp. 431-432.

São esses os fatores que explicam a forma pela qual Freyre definiu Domingos da Guia em um prefácio que, em 1947, escreveu para o livro *O Negro no futebol brasileiro*, de autoria do jornalista Mário Filho - um partidário incondicional de suas teses que, desde o início da década de 30, se destacara na imprensa esportiva carioca²⁷. Embora visse neles características apolíneas mais de acordo com a cultura européia do que com o caráter dionisíaco que atribuía à tradição africana (que teria em Leônidas da Silva, outro jogador daquele time, seu representante principal), nem por isso deixava de afirmar que, na sua forma de jogar, estaria também "um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem", que garantiriam a futebol de Domingos a "autenticidade brasileira". "Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é", completa Freyre - dando com isso uma forma acabada à legenda que marcaria para sempre a figura de Domingos²⁸.

A partir de opiniões como essa, Domingos e seus companheiros da equipe selecionada para a Copa de 1938 se tornaram verdadeiros símbolos de uma nova imagem para a nação que se tentava naquele momento afirmar. Ao entusiasmo do grande público pela formação de uma equipe nacional despida de discriminações raciais ou sociais se somava, naquele momento, uma cobertura midiática nunca antes vista para um evento esportivo do gênero. Era o que fazia, de modo especial, o *Jornal dos Sports*, comprado dois anos antes pelo jornalista Mário Filho, que se tornara seu diretor. Desde o início da década de 30 Mário Filho vinha se destacando na imprensa carioca por dinamizar e promover a cobertura dos eventos esportivos, apoiando de forma clara as transformações que permitiram a jogadores negros como Domingos e Leônidas figurar na equipe nacional. Tal posição explicava o grande destaque dado no jornal ao selecionado escolhido para representar o Brasil na Copa de 1938. Atento aos interesses do público, tratou de capitanear a defesa daquele time formado por mestiços e negros, alimentando com isso a paixão da torcida. "Todo brasileiro estava tomado da mais intensa paixão", recordaria o jornalista alguns anos depois em uma crônica de memórias²⁹. Tratava-se, assim, do momento de glória suprema para o zagueiro do Flamengo e seus companheiros.

²⁷ - Sobre Mário Filho, ver José Sérgio Leite Lopes, A vitória do futebol que incorporou a pelada, *Revista USP*, no. 22, junho/julho/agosto de 1994, pp. 64-83.

²⁸ - Cf. Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, Rio de Janeiro: Forno, 1994 (1947).

²⁹ - Mário Filho, Brasil X Itália de 38. In: *O sapo de arubimba*. Os anos de sonho do futebol brasileiro, São Paulo, Cia. das Letras, 1994, pg. 55.

Marcada para o dia 5 de junho, a estréia da equipe brasileira se rodeava de expectativa. Na véspera do jogo, Mário Filho telefonou para o hotel onde se concentrava a delegação brasileira, entrevistando pessoalmente inúmeros jogadores para a reportagem que publicaria no dia da estréia. Perguntado sobre o jogo contra os poloneses, Domingos prometia fazer "o máximo pela vitória", explicitando o desejo de realizar o "maior jogo" de sua vida. Como resultado de tanto entusiasmo, o time brasileiro estreava na competição com uma vitória por 6 a 5 sobre os poloneses. Ainda que tivesse jogado com uma febre de 38 graus, não tendo por isso sido para Mário Filho "uma das grandes figuras do *match*", o jornalista afirmava ter ele feito uma partida "digna do seu renome"³⁰.

Nos jogos seguintes, a seleção brasileira, comandada por Domingos e Leônidas, fez ótimas exhibições, deixando entusiasmados até mesmo os jogadores e representantes da imprensa estrangeira - que, também sensíveis ao apelo de um time formado pela mistura de jogadores de origens étnicas diversas, viam Domingos como "uma das mais impressionantes figuras" do torneio³¹. Na semifinal, entretanto, o Brasil acabou derrotado pela seleção da Itália por dois gols contra um, a partir de um lance no qual Domingos teve participação decisiva: ao revidar uma agressão do atacante italiano dentro da área brasileira, deu ensejo para a marcação de pênalti contra o Brasil que acabou por acarretar na derrota do selecionado nacional - como ele mesmo lembrou no depoimento prestado em 1967, no qual afirmou ter feito isso por "não conhecer regra de futebol".

O resultado adverso não parecia, porém, arrefecer o entusiasmo da torcida nacional por seus ídolos. Atribuindo a derrota à falha do árbitro, que teria indicado o pênalti de Domingos quando a bola estaria fora de jogo, os torcedores brasileiros continuavam a mostrar, pelos jornais e pelas ruas, a certeza da superioridade brasileira, protestando contra o árbitro por toda a cidade. Embora não conquistassem o título, os jogadores brasileiros eram descritos por isso pela imprensa carioca como os "reis do *foot-ball*", sendo "superiores a todos os conjuntos do presente campeonato". "Campeões sem corôa", na definição de Mário Filho, os "cracks do Brasil" teriam dado "lições de *foot-ball* aos europeus".

³⁰ - "Os cracks do Brasil falam a Jornal dos Sports pelo telefone internacional", *Jornal dos sports*, 5 de junho de 1938; "Domingos em campo com febre de 38", *Jornal dos sports*, 6 de junho de 1938.

³¹ "Vencemos fácil a Suécia", *Jornal dos sports*, 20 de junho de 1938.

Apesar da derrota na semifinal, eram assim tratados como "verdadeiros campeões do mundo", sendo saudados mais uma vez como grandes heróis nacionais³².

O sucesso do selecionado composto por afro-descendentes garantiria, naquele momento, o oficialização do orgulho construído ao seu redor. De fato, Domingos e seus companheiros eram saudados não só pela imprensa, mas também por importantes autoridades do Estado Novo, como o ministro Gustavo Capanema. Depois das primeiras vitórias brasileiras contra poloneses e tchecos, ele enviou à delegação brasileira um telegrama afirmando que o sucesso daquele selecionado daria aos brasileiros "a medida da nossa gente: dureza e agilidade no corpo e ainda impressionante resistência moral". Ao defender que jogadores do selecionado teriam formado para os brasileiros "um justo título de vaidade", ele fazia daqueles atletas os símbolos máximos do homem novo que muitos dos partidários do regime recém instaurado pretendiam afirmar³³. Assim como Capanema, enviavam também suas mensagens de felicitação ao time os chefes dos gabinetes civil e militar do palácio, além de Lourival Freitas - o ex-diretor do Departamento Nacional de Educação Física que fôra promovido a diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, em uma escolha que atestava a importância do esporte para o projeto ideológico do recém instaurado Estado Novo³⁴. Não por acaso, o próprio Getúlio Vargas recebia após a primeira vitória brasileira contra os poloneses "muitos telegramas de congratulações" de pessoas que já identificavam a vitória brasileira à sua pessoa³⁵.

Mesmo a derrota brasileira na semifinal não chegava a alterar o papel destacado atribuído pelas autoridades governamentais ao futebol. Após a derrota para a Itália, Gustavo Capanema remetia um novo

³² - "O Brasil deu ontem mais uma lição de foot-ball aos europeus", *Jornal dos sports*, 20 de junho de 1938; "Os brasileiros, campeões sem corôa", *Jornal dos sports*, 21 de junho de 1938; e "Campeonato mundial de foot-ball", *Correio da Manhã*, 17 de junho de 1938

³³ - Sobre os debates a respeito da relação entre a questão racial e a identidade nacional empreendidos durante o Estado Novo, ver Olívia Maria Gomes da Cunha, "Sua alma em sua palma: identificando a 'raça' e inventando a nação", em Dulce Pandolfi (org.), *Repensando o Estado Novo*, op.cit., pp. 257-288.

³⁴ - "O campeonato mundial", *Correio da Manhã*, 15 de junho de 1938. Sobre Lourival Freitas e sua tentativa de afirmação da nacionalidade no Estado Novo, ver Lucia Lippi de Oliveira, "O intelectual do DIP: Lourival Freitas e o Estado Novo", em Helena Bomeny (org.), *Constelação Capanema: Intelectuais e políticas*, Rio de Janeiro, FGV, 2001.

³⁵ - "Brasileiros e tchecos estão desde ontem em Bordéus", *Correio da Manhã*, 8 de junho de 1938; e "Para a conquista do campeonato mundial de foot-ball", *Correio da Manhã*, 9 de junho de 1938.

telegrama à delegação afirmando que a campanha do selecionado nacional fôra "uma afirmação admirável da fibra do Brasil, a cujo *sport* estão asseguradas muitas e belas glórias futuras"³⁶. De modo similar, o secretário geral do interior e segurança, Áttila Soares, escreveu ao prefeito da cidade do Rio de Janeiro uma mensagem na qual afirmava ver nas vitórias brasileiras na Europa uma "propaganda da maior eficiência", lembrando por isso ao prefeito "o quanto seria útil ao país a realização de um campeonato mundial de *foot-ball* em território nacional". Sugeriu para isso a construção de "uma praça de *sports* à altura do acontecimento", pois "todos os países modernos possuem, hoje, stadiuns grandiosos onde não só fazem realizar suas competições desportivas como também suas realizações cívicas de caráter imponente". Ao justificar seu pedido com a afirmação de que tal projeto se encaixaria "nas linhas mestras da estrutura do Estado Novo", ele mostrava sem rodeios a importância que o futebol ia assumindo naquele momento³⁷.

De fato, o próprio Getúlio deixava registrada, naqueles dias, sua surpresa com a capacidade demonstrada pelo futebol de influenciar o "espírito público"³⁸. Em conversa com João Lyra Filho, então presidente do Conselho Nacional de Desportos, afirmava ser preciso "coordenar e disciplinar essas forças que avigoram a unidade da consciência nacional"³⁹, de modo a tirar proveito de seu potencial. Não por acaso, no dia 1º de julho de 1938, poucos dias após o final da disputa da Copa do Mundo, o governo de Vargas tratava de tomar a frente desse processo, ressaltando a importância cultural da empreitada: ao promulgar o Decreto que instituía o Conselho Nacional de Cultura, fez da "educação física" um dos elementos que caracterizavam o "desenvolvimento cultural" a ser buscado pelo governo⁴⁰. Ficava claro, através de posturas como essas, a tentativa de fazer do sucesso então alcançado por jogadores como Domingos da Guia um meio de articular e afirmar a força de

³⁶ - "Que voltem os reis do foot-ball", *Jornal dos sports*, 17 de junho de 1938; "O Brasil deu ontem mais uma lição de foot-ball aos europeus", *Jornal dos sports*, 20 de junho de 1938; "Os brasileiros, campeões sem corôa", *Jornal dos sports*, 21 de junho de 1938; e "Campeonato mundial de foot-ball", *Correio da Manhã*, 17 de junho de 1938.

³⁷ - "Para o caso de se realizar no Brasil o futuro campeonato do mundo", *Correio da Manhã*, 8 de junho de 1938.

³⁸ - Getúlio Vargas, *Diário*, vol.2, São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, pg140

³⁹ - Cf. João Lyra Filho, *Cachimbo, pijama e chinelos*, São Paulo, Ed. Edalgit, 1963, pg 264.

⁴⁰ - Daryle Williams, "Gustavo Capanema, ministro da Cultura", em Ângela de Castro Gomes (org.), *Capanema: o ministro e seu ministério*, Rio de Janeiro, FGV, 200, pg. 256.

uma identidade nacional baseada na mistura entre brasileiros de diferentes origens⁴¹.

Ao personificar a imagem de um novo país que o projeto político capitaneado pelo presidente Getúlio Vargas pretendia criar, Domingos, Leônidas e os demais jogadores afro-brasileiros, apesar da derrota, viam assim consolidado o seu prestígio. Por serem a expressão acabada da "alma brasileira", na expressão de Mário Filho, eles conseguiam representar o que a poetisa Gilka Machado definiu como "a milagrosa realidade que é o homem do Brasil"⁴². Não era de se estranhar, por isso, o grande destaque recebido por Domingos após a volta do selecionado ao Brasil. Com a fama que conquistara na competição, ele passava a aparecer em anúncios como o das roupas da marca "Vencedora", tornando-se garoto propaganda de produtos e casas comerciais diversas. Do Flamengo conseguiu um substancial aumento salarial, assinando um novo contrato que lhe rendia Rs. 50:000\$000 só de prêmio pela renovação - tornando-se um exemplo para novas gerações de jogadores negros que chegavam ao clube, como o jovem Zizinho. Mais do que um simples jogador, tratava-se, enfim, de uma lenda da nacionalidade - um verdadeiro herói, cujo corpo físico se mostrava capaz de representar a força e o estilo de um sentimento nacional que se tentava afirmar.

O avesso do mito

Como qualquer lenda, no entanto, esta poderosa imagem construída ao redor de Domingos da Guia tinha também suas fissuras e dualidades. Se por um lado garantia e reforçava o prestígio de jogadores como ele, por outro escamoteava as contradições do processo que levou à sua ascensão, que pareciam muito claros na cabeça do zagueiro da seleção brasileira. Ainda que seu sucesso fosse alimentado por um movimento que supostamente atribuía no Brasil à ascendência negra um traço de positividade, Domingos não parecia convencido do símbolo de harmonia racial no qual tentavam transformá-lo. Mesmo que se mostrasse ciente do papel central que jornalistas como Mário Filho tiveram na construção de sua imagem de ídolo mestiço, agradecendo

⁴¹ - Ainda que tratando dos direitos trabalhistas, Angela de Castro Gomes já tratou de expor os mecanismos utilizados pelo governo de Getúlio Vargas para apropriar-se das tradições e conquistas dos trabalhadores, dando-lhes a aparência de dádivas. Cf. Angela de Castro Gomes, *A invenção do trabalhismo*, Rio de Janeiro, IUPERJ, 1988.

⁴² - Conferir, respectivamente, "Obrigado, rapazes", *Jornal dos sports*, 15 de junho de 1938 e Milton Pedrosa, *Gol de letra*, Rio de Janeiro: Ed. Gol, s/d, pp. 117-119. Sobre a referência à autora, ver *O Malho*, 8 de março de 1934.

freqüentemente à imprensa pelo prestígio que alcançara, nem por isso se esquecia das dificuldades que enfrentara ao longo de toda sua carreira por conta de sua origem étnica.

Parecia muito presente em sua memória, nesse sentido, o caso de Luiz Antônio, seu irmão mais velho. Na década de 20 ele havia também se notabilizado no cenário esportivo carioca como um zagueiro de qualidades excepcionais. "Dizem em Bangu que ele foi melhor que eu", relembrava o ex-zagueiro no depoimento dado em 1967. Apesar de tanto talento, sua origem étnica nunca lhe permitiu alcançar o prestígio e a remuneração conquistados por Domingos poucos anos depois. Embora se destacasse dentro de campo como um dos melhores jogadores brasileiros de sua posição, nenhum clube grande nunca tentou sua contratação, e sua presença no selecionado nacional foi vetada pelas autoridades esportivas e políticas do país pelo simples fato de ser negro.

Mesmo durante o período no qual Domingos atingiu o sucesso, no entanto, muitos outros exemplos mostravam a dificuldade para que jogadores negros como ele conseguissem se destacar, caindo nas graças do público e da imprensa. Era o caso, entre outros, de Fausto, seu colega de time no Vasco e no Flamengo. Embora tivesse também um talento inegável, que chegou inclusive a lhe valer uma rápida transferência para o futebol espanhol, morreu em 1939 sem dinheiro e sem assistência - na mostra de que o prestígio alcançado por jogadores como Domingos e Leônidas estava longe de ser uma regra para atletas negros como eles. Casos como estes serviam para o ex-zagueiro do Flamengo como uma mostra de que o "preto nunca foi aceito nesse país", como afirmou em 1995 em uma entrevista à imprensa⁴³.

Era explicável, por isso, que Domingos tivesse se esforçado ao longo da vida para escamotear os traços de sua ascendência negra. Afirmando que o preconceito atingia prioritariamente o "jogador preto-preto", tentava escapar dele na afirmação de que seria somente um "mulato" - diferenciando-se, por isso, de jogadores como o próprio Leônidas da Silva, como fez na entrevista dada em 1998:

(...) ele tinha uma desvantagem minha sabe, que ele era preto, preto, preto mesmo, crioulinho, crioulinho, com o dinheiro ele ficou sendo aquele crioulinho. Eu não, eu sou mulato, então acontece o seguinte: se chegar, oh, Domingos é preto, que preto que! Tem uma festa eu vou, sento lá, sento bem, converso, porque eu não sou branco, mas eu sou preto?

⁴³ - Cf. Mário Filho, op.cit., pg 312; e *Depoimento de Domingos da Guia ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro - MIS*, op.cit.; e "Eu vi Fla-Flu sem nenhum preto em campo", *Folha de São Paulo*, 15 de janeiro de 1995..

Eu não sou branco, mas também não sou preto!", apressava-se em responder o próprio Domingos, que fazia questão de afirmar ser "o mais escuro da família por causa do sol" que tomava durante os jogos. Apesar da idade avançada, que já prejudicava sensivelmente sua memória, Domingos frisava assim não ser "preto nem crioulo", reconhecendo que "do preto tem diferença.

Ao longo de sua carreira, Domingos mostrava-se portanto ciente da necessidade de tentar escapar do preconceito racial, do qual foi vítima em várias situações mesmo em seus momentos de glória. "Eu também não me meti naquele ambiente de rico, tinha a desvantagem de ser de cor: não era preto, mas também não era branco", reconhecia na mesma entrevista, já invertendo o sentido da afirmação de sua mestiçagem no reconhecimento das discriminações que sofrera: "eu mesmo notava: só pode entrar ali pessoa branca, na cidade, e tal. Eu dizia: Ih! não posso entra lá não. Meu cabelo ficou ruim".

O modo como definia sua própria aparência através de uma expressão pejorativa em relação aos traços físicos dos Afro-descendentes explicava algumas das atitudes que tomou ao longo de sua carreira. Desde suas primeiras aparições, ainda no time do Bangu, teve como um elemento constante de sua imagem uma boina que lhe cobria o cabelo, que reconhecia como um dos principais traços físicos de sua negritude. "Eu comecei a limpar meu cabelo, ajeitar, pentear", relembrou o ex-jogador em 1998. Até o momento em que viu consolidado seu prestígio no exterior, em 1935, a boina foi uma presença constante em todos os seus jogos. Ao buscar mecanismos para escapar de preconceitos que nenhuma relação tinham com a imagem de um país e de uma cultura formadas a partir de uma harmoniosa mistura racial, ele indicava os limites e contradições da legenda construída para ele em momentos como a Copa de 1938, mostrando-se consciente dos obstáculos que sua origem étnica ainda colocava em sua vida.

Se em seus anos como jogador tal tensão nunca chegou a aflorar de forma mais explícita - o que permitiu que Domingos usufruísse das vantagens de sua condição - a reflexão a respeito da discriminação e preconceito que sofrera em campos o acompanhou em seu momento de retiro. Em 1957, já longe dos campos, ele escreveu para o jornal Última Hora uma série de artigos no qual o tema aparecia já de forma clara.

(...) 'No Brasil não há preconceito de cor'. Eis o que ouvimos, a toda hora, em toda parte, desde que

Domingos do Brasil:
futebol, raça e
nacionalidade na
trajetória de um herói
do Estado Novo

Locus:
revista de
história,
Juiz de Fora,
v. 13, n. 2,
p. 193-214, 2007

nascemos, até morrermos. Nos meus tempos de garoto, eu acreditavam nisso. Mas fui vivendo e, pouco a pouco, a vida ia me ensinando uma porção de coisas. Comecei a observar que as relações entre pretos e brancos são diferentes, bem diferentes do que imaginamos. E atrevo-me a dizer mais: no Brasil há, sim, preconceito racial. Para não ir muito longe, vejamos o caso do futebol. Constata-se o seguinte: não há, talvez, um time sem negro, em todo o país. Isso parece indicar uma confraternização preta e branca que, na realidade, não existe. Pretos e brancos convivem dentro de uma razoável cordialidade. Mas ao primeiro incidente, a primeira provocação, lá vem, como argumento primeiro e ultrajante, a alegação de cor⁴⁴

Ressalta, no texto assinado por Domingos, a contradição entre a afirmação da harmoniosa realidade social que ele veio a simbolizar e as dificuldades cotidianas que marcaram sua experiência. Frente ao primeiro momento de tensão atravessado por afro-descendentes como ele, escrevia, "o adversário e a torcida passarão a vê-lo, não como um ser humano, igual aos demais, mas como 'o negro', 'o preto' ou, ainda, 'o moleque'⁴⁵. Mesmo nesse momento, entretanto, fazia questão de excluir-se desse quadro, limitando-se a afirmar que em seus vinte anos de profissão se fartou "de escutar coisas semelhantes referentes aos meus companheiros". No mesmo movimento em que caracteriza a discriminação, Domingos faz assim questão de dela afastar-se, de modo a manter intacta a legenda que garantiria seu sucesso.

Esclareciam-se assim, em suas palavras e ações, as dicotomias da ideologia racial que alimentava a formulação de algumas das políticas culturais do Estado Novo. Por um lado, os preconceitos que enfrentou ao longo de sua carreira indicavam os limites da afirmação harmoniosa de uma nova nação formada da mistura diferentes raças e tradições que ele mesmo veio a simbolizar; por outro, foi tal afirmação do valor da mestiçagem como base da construção de uma raça e de uma cultura verdadeiramente nacional lhe possibilitou alcançar uma remuneração e um prestígio impensáveis anos antes para jogadores como seu próprio irmão - mostrando que se tratava de muito mais do que simples mecanismo ideológico de dominação. Ao negociar cotidianamente com as idéias e discursos que tentavam fazer dele um símbolo, Domingos mostrava-se um sujeito ativo do processo de construção de tal ideologia. Do ponto de vista de jogadores como ele, este era o único meio de

⁴⁴ - *Última Hora*, 28 de junho de 1957, APUD Aidam Hamilton, op.cit., 47.

⁴⁵ - *Última Hora*, 1 de julho de 1957, APUD Aidam Hamilton, op.cit., 15.

alcançar respeito e sucesso em uma sociedade ainda marcada pelas tensões raciais que se tentava negar.

Não é uma surpresa, por isso, que o nome de Domingos da Guia tenha sido rapidamente esquecido depois do final de sua carreira. Em um jogo no qual os ídolos se sucedem com grande rapidez - em especial no Brasil, onde o frenesi causado pela disputa da Copa de 50 no país gerara uma nova onda de idolatria e devoção aos jogadores da seleção nacional - seu nome logo foi apagado pelo surgimento de novos ídolos e heróis. Em 1948, já sem a força física da juventude, Domingos voltou para o Bangu A.C., que seria seu último clube. "É onde o meu espírito fica mais tranqüilo", explicaria o zagueiro no depoimento prestado em 1967. Não por acaso, nesse momento já parecia sentir novamente a necessidade de recolocar sua boina. Poucos anos depois, em 1955, Mário Filho notava em uma de suas crônicas que "já não se fala em Da Guia", que abandonara os campos e se tornara o dono de um botequim em São Paulo. Passados alguns meses, ele mesmo voltaria ao tema, afirmando então que Domingos estaria "na miséria", enfrentando dificuldades financeiras inimagináveis para alguém que experimentara tanto prestígio. "Acabado o futebol de Domingos, acabou tudo para ele", explicava o jornalista, no reconhecimento implícito das contradições da imagem de harmonia social que ele mesmo ajudara a criar ao redor do ex-zagueiro⁴⁶.

Longe do futebol, Domingos voltava a ser apenas um homem negro de meia idade que tinha apenas o curso primário concluído e pouca experiência profissional. Se ele alcançou através do futebol uma mobilidade social que lhe permitiu experimentar uma vida de celebridade, seu sucesso nos campos e sua condição de símbolo da nacionalidade não o impediram de experimentar as dificuldades colocadas no Brasil aos homens de sua raça e de sua classe. Nem herói nem vítima, Domingos da Guia era, afinal, apenas outro homem negro de Bangu - mas um homem cuja trajetória é capaz de iluminar as tensões envolvidas na tentativa de afirmação, nos primeiros tempos do Estado Novo, de uma nova imagem para a Nação.

Domingos do Brasil:
futebol, raça e
nacionalidade na
trajetória de um herói
do Estado Novo

⁴⁶ - Mário Filho, *O Sapo de arubinha*, op.cit., pgs. 15 e 45.

Leonardo Affonso
de Miranda Pereira

Locus:
revista de
história,
Juiz de Fora,
v. 13, n. 2,
p. 193-214, 2007

214